

## **PREFÁCIO PARA “PARVO ORIFÍCIO”**

**Paulo Henriques Britto**

A lírica produzida pela nova geração de poetas do Sudeste brasileiro neste início de século manifesta algumas semelhanças familiares que não podem escapar da atenção de qualquer observador assíduo. Essas marcas são particularmente nítidas no trabalho de mulheres que publicaram seus primeiros livros no período — penso em nomes como Annita Costa Malufe, Ana Martins Marques e Alice Sant’Anna: o verso livre de padrões métricos e rimáticos evidentes, cortado de modo a criar uma oposição significativa entre o plano gráfico e o sonoro; a voz ao mesmo tempo pessoal e disfarçada, que com frequência se dirige a um *você* que permanece não especificado; o flerte com formas da intimidade como o diário e a carta (ou, com a devida atualização, o e-mail ou mensagem de texto). Tais características remetem claramente à poesia de Ana Cristina Cesar, autora cujo impacto sobre as gerações mais recentes permanece muito forte.

Nesta sua segunda plaqueta — como na primeira, *Músculo*, que saiu pela Megamini no ano passado — Catarina Lins apresenta pontos de contato importantes com essa tendência, além de características geracionais ainda mais amplas: o tema da viagem e o acúmulo de referências e citações que remetem tanto à esfera pessoal quanto à cultural (aqui incluindo-se desde o esporte e a música pop à literatura e às artes plásticas, com ênfase na poesia). O direcionamento a um *você* específico já se manifesta no primeiro verso do poema de abertura, onde surge o eu lírico que será o fio condutor de todo o livrinho: uma figura de *flâneuse* que, caminhando, pedalando ou indo de ônibus, associa a todo instante o que seus olhos veem com lembranças, informações sobre minúcias do cotidiano ou do mundo maior, tudo isso mesclado a *insights* pessoais como “não se dirige portão a dentro / no colo dos

pais / pra sempre”. Os pontos de opacidade atuam para reforçar a ficção de que a poeta se dirige a uma pessoa específica, com quem tais referências, presume-se, seriam compartilhadas. A habilidade da autora de estabelecer vínculos entre o domínio da intimidade e o mundo exterior tem um dos pontos altos no poema “Tentar não dizer é completamente diferente de tentar dizer”, que começa mencionando a visão e o tato de um destinatário (desta vez “tu” e não “você”) e termina com o comportamento sexual desatinado do “rato-marsupial-australiano”, uma informação que parece gratuita à primeira vista, porém ganha um sentido pessoal quando se observa que o verso inicial completa a sintaxe e o sentido do título. O corte dos versos gráficos, que na maioria das vezes não coincide com a divisão de unidades sintáticas naturais, por vezes disfarça uma sutil estruturação rítmica, que não exclui o uso discreto de rimas. É o que se observa de modo particularmente nítido nas estrofes finais de “Prece estruturada em formato de polpa”, o último poema, com versos que, no plano sonoro, têm de cinco a sete sílabas e rimam em *-im*, traços formais que também marcam os versos de abertura do poema inicial, “Naquele tempo, as pessoas estavam confusas”, dando ao volume uma forma circular.

Com sua inteligência arguta e seu ouvido apurado, Catarina Lins já é um nome de destaque na novíssima geração de poetas brasileiros.

Paulo Henriques Britto